

MODOS DE CULTIVO PARA COM-POR MOVES

Resumo

Este artigo é um exercício imaginativo de construção de relações entre a improvisação e a composição em dança com processos de cultivo da terra e de seus saberes ancestrais. Partindo do conceito de compostagem como posição coletiva fúngica para o cultivo e transformação de matérias, de que modo a improvisação relaciona seres vivos para a regeneração de ideias, práticas, saberes e existências? A partir de referências que entrecruzam diversos campos de atuação, adubamos as nossas experiências com as palavras de pessoas como Sandra Benites (2021), Kaká Werá Jecupé (2020), bell hooks (2019), Vandana Shiva (2020), Jussara Setenta (2007), Stefano Mancuso (2019), Davi Kopenawa (2015), Florinda Donner (2009), Fayga Ostrower (2013), Ricardo Basbaum (2000) e Byung-Chul Hang (2019), na fluidez e organicidade que faz parte do corpo e seus atravessamentos. Deste modo, também provocamos com este texto questões acerca das referências da dança e suas porosidades, tendo como procedimento uma escrita conversada.

Palavras-chave: Composição em Dança. Improvisação. Compostagem. Mulheres e Trabalho. Movimento.

CULTIVATION WAYS TO COM-POSE MOVEMENTS

Abstract

This text is an imaginative exercise in building relations between dance improvisation and composition with land cultivation processes and its ancestral knowledge. Starting by thinking of composting as a collective fungal de-composition to cultivate and transform materials, how does improvisation relate living beings to regenerate ideas, practices, knowledge, and existence? From references crossing different fields of activity, we fertilize our experiences with the words of people such as Sandra Benites (2021), Kaká Werá Jecupé (2020), Bell Hooks (2019), Vandana Shiva (2020), Jussara Setenta (2007), Stefano Mancuso (2019), Davi Kopenawa (2015), Florinda Donner (2009), Fayga Ostrower (2013), Ricardo Basbaum (2000), and Byung-Chul Hang (2019) via the fluidity and organicity which is part of the body and its crossings. Thus, this text also provokes questions about dance references and their porosities, using conversations as a writing procedure.

Keywords: Dance Composition, Improvisation, Composting, Women & Work, Movement.

Ana Carolina da R. Mundim

Multitartista. Docente dos cursos de Graduação em Dança da Universidade Federal do Ceará (UFC). Coordena o grupo de pesquisa Dramaturgia do Corpospaço e o projeto de extensão "Temporal: encontros de improvisação e composição em tempo real". Integra o "Bando" e o grupo "Mulheres da Improvisação". anamundim@ufc.br

Liana Gesteira Costa

Artista integrante do coletivo Lugar Comum (PE) e do E aí? Coletivo (PE). Doutoranda em Dança pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). É integrante do "Bando" e do grupo de pesquisa "Ágora: modos de ser na Dança" (PPG Dança – UFBA). Pesquisadora do acervo RecorDança e da revista Quarta Parede. lianagesteira@gmail.com

Mariana Barbosa Pimentel

Artista da dança, gestora cultural, curadora e pesquisadora. Mestre em Cultura Contemporânea e Novas Tecnologias pela Universidade Nova de Lisboa. Especialização em Educação para Sustentabilidade (em andamento) no Gaia Education em parceria com a Universidade Federal de Alfenas (Unifal). maribpimentel@gmail.com

Soraya Portela

Artista e gestora do Canteiro Teresina – criação, produção e práticas artísticas (PI). Especialista em Estudos Contemporâneos em Dança pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). É integrante do Bando e do grupo de pesquisa ENTRE: artes e enlacs (PPGDança – UFBA). sorayaportela2@gmail.com

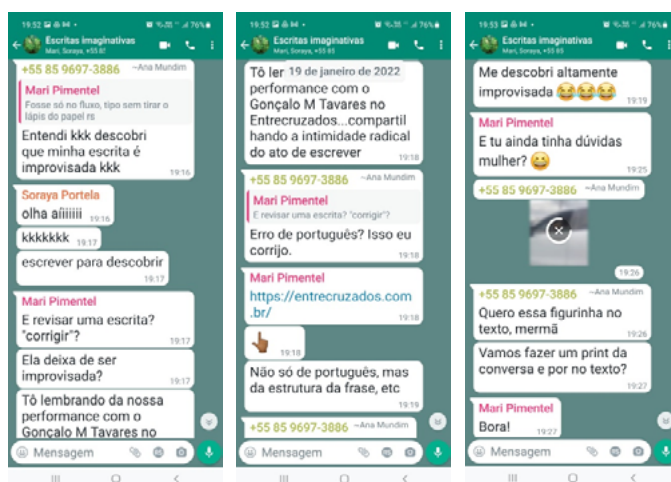
Este artigo é um exercício prático de compostagem.¹ A partir da experiência de quatro dançarinas-improvisadoras-pesquisadoras-etc. (BASBAUM, 2000) Propomos uma escrita coletiva que possa decompor nossos saberes e com-por um solo comum adubado com diferentes materiais orgânicos para nutrir danças e vidas.

Em um processo imaginativo enquanto ato performativo (SETENTA, 2008) improvisamos nas palavras uma a uma, em trios, em quartetos, em movimento, em tempo real. Fomos trançando os tempos no Google Documentos, com momentos marcados para a escrita simultânea por meio de trocas de palavras, áudios e figurinhas de WhatsApp, além de entradas e saídas, encontros, desencontros e desvios. Às vezes com uma espera para observar como infiltrar. Às vezes com um tempo para deixar decantar. Remexe. Sacode. Simbora, cambada!

1 Compostagem é o conjunto de técnicas aplicadas para estimular a decomposição de materiais orgânicos por organismos heterótrofos aeróbios, com a finalidade de obter, no menor tempo possível, um material estável, rico em substâncias húmicas e nutrientes minerais formando assim um solo humífero. (COMPOSTAGEM, 2012)



Para começo de conversa
Fonte: elaboração própria.



Para começo de conversa
Fonte: elaboração própria.

Abrindo os caminhos para escrever...

Como a nossa condição do momento pode não ser um problema e sim ação de composição? Escreve um edital. Atende um estudante, ou mais. Discute sobre o rigor na dança, sobre o rigor de estudar improvisação como campo de conhecimento. Atende um interfone. Dança. Volta à discussão. Explica pela milésima vez que rigor e rigidez são conceitos distintos que precisam ser compreendidos na prática. Faz comida. Volta ao texto. Tenta comer enquanto se questiona sobre o sentido da vida. Não!!!! Menos... Tenta pensar em uma pergunta mais fácil. Volta. Quatro pessoas fazendo um encontro para composição. Nós quatro, eu com ela, eu sem ela, nós por cima, nós por baixo. Já dizia Julyen Hamilton² que o movimento mais difícil da dança é rolar, porque você tem que aprender a estar por cima e por baixo. E quem quer estar por baixo, não é mesmo? Assim podemos encontrar o contorno que nos junta porque a vida já está nos separando demais.

Surge um modo de cultivo a partir do modo que a gente vive. Mas que modo é esse? E, ainda, há o modo que se vive e o modo que se quer viver. Talvez o que nos junte seja o modo que queremos viver? Cada uma de um lugar. Cada uma buscando um quintal, uma casa no interior, um bando de mato para rolar, entendendo como construir o mundo que deseja habitar. Temos atuação de ser artista sempre junto com outra coisa: sendo artista e trabalhando numa instituição; sendo artistas e cursando doutorado; sendo artista e professora; sendo artista e construindo casa; misturamos atuações, estando vivas. Mas, às vezes, só queríamos mesmo ser artistas. Viver de colocar poesia no mundo para ver o que brota dela. Cultivamos com a própria ação de improvisar, como prática. Como nós criamos as operações para estar junto? Com um bando de vontade, eu diria. Já espiei a vontade de arrumar umas dificuldades por aí. Ela cria jeito para a coisa existir. Querer nem sempre faz ação?

Acho que acabou a introdução. Acabou a introdução?

ALSM – Sou Ana, Liana, Soraya ou Mariana? Nascida no Rio de Janeiro, vivida em trânsito entre várias cidades e atualmente moradora da linda cidade de Fortaleza. Sou curiosa e irrequieta. Amante do movimento, da natureza e dos encontros. Sonho com um mundo mais justo, ainda acredito no poder da coletividade, crio a partir da sutilidade feminina e pesquiso corpoespaço. Amo o mar e sou chokolatra. Venho me debruçando sobre as

² Fala ocorrida durante residência artística Space Issue, em Carthago Delenda Est, Bruxelas, de 16 a 20 de março de 2015. Cf.: <https://www.julyenhamilton.com/>.

micro-possibilidades da vida e tentando encontrar no som dos pássaros, no oxigênio das árvores e nos desenhos das nuvens, os impulsos para mover.

Pensando que somos natureza e suspendendo a ideia idílica de harmonia que costumamos relacionar ao conceito de natureza, tenho me perguntado sobre como conviver com as diferenças, respeitando os limites de cada indivíduo. Quais concessões se abrem e até quando se abrem para que as partes imbricadas no processo ainda se sintam parte dele? Como compreender, individualmente e coletivamente, os limites éticos e legais das relações, sem perder a delicadeza? Tenho pensado no esgarçamento da palavra limite, a fim de chegar ao seu cerne, para discutir as noções de tempo e espacialidade como instâncias circunscritas por fronteiras. Se somos permeados por bordas dentro de nosso percurso existencial, parece-me claro que elas apareçam em nossos campos relacionais. A questão que fica é: como lidamos com elas? Como desenhar as relações a partir de mim e do outro e não no desejo de que o outro seja como eu e vice-versa?

Estabelecer um campo de diálogo a partir desse prisma exige uma abertura para se orientar pelos modos como os encontros se delineiam. Neste sentido, sentimentos, planejamentos ou expectativas prévias não produzem matéria para integração, pois é da própria interação que brotam os possíveis ou (im)possíveis. Pergunto-me sobre as ingenuidades, fragilidades ou ilusões contidas nessa perspectiva, a partir do cenário individualista que temos vivenciado socialmente e, com alguma frequência acompanhado de um quadro de isenção de autorresponsabilidades. Mas sigo tentando adubar esse lugar, ainda que seja um estado de invenção, para que sonhando acordada algo de realidade se manifeste.

LAMS – Sou Liana, Ana, Mariana ou Soraya? Nascida em Recife e atualmente residindo na Bahia. Percorro meus caminhos compondo danças, nutrindo terras e habitando coletividades. Trago para essa compostagem o sonho como matéria prima, como provocação para revitalizar o nosso imaginário de criação. Sou conectada aos sonhos desde criança, quando ao dormir me encontrava com seres desconhecidos, lugares não reconhecíveis, acontecimentos mágicos ou trágicos e, outras vezes, me deparava também com situações bem cotidianas no tempo do sonhar.

O sonho é uma experiência que tem essa complexa materialidade de relação entre coisas inomináveis e com o que conhecemos em nossa realidade. O sonho conecta passado e futuro num mesmo espaço-tempo. Memórias, devires, pessoas, seres, plantas, animais, monstros, desejos, frustrações, tudo isso está numa narrativa não prevista e que se faz possível enquanto estamos sonhando.

Como isso se conecta com a improvisação em dança? Durante a minha experiência, tecida ao longo de mais de 10 anos em improvisação, percebo essa prática como um fazer que propõe uma relação de composição de movimentos conhecidos e ainda por conhecer, de repertórios e invenções de cada pessoa dançarina. Do conjunto deles, de maneira não linear e não previsível, que vão se tecendo no momento em que vão acontecendo de maneira processual e inusitada, assim como num sonho. É por essa potência de “com-por”, de “por-junto”, coisas de diferentes matérias, subjetividades, tempos e espaços que tenho investido no sonho como uma provocação para composição de danças coletivas em improvisação. É um campo fértil para reedição de nosso imaginário.

Ao ler o livro *A queda do Céu* (2015) fiquei intrigada com a fala do Xamã Yanomami, Davi Kopenawa, em que ele diz que os homens brancos só sonham com eles mesmos. (ALBERT; KOPENAWA, 2015, p. 214) Ele conta que os Yanomamis sonham com os espíritos, com animais, com as plantas, com as forças da natureza. Então comecei a me questionar se os sonhos não seriam um lugar interessante para investigar como as diferentes culturas compõem a sua percepção do mundo, ou seja, criam um mundo. Assim, também pensei que as pessoas dançarinas tem uma maneira de compor seus mundos a partir da dança. E como seria então, trazer os sonhos para mover o nosso imaginário de mundo a partir da improvisação em dança?

Portanto, nesta escrita trago a ideia de compostagem guiada por um desejo de decomposição coletiva, no qual existe cultivo e transformação. Também trago o sonhar como experiência que pode revelar decomposição de mundos e provocar movimentos para algo improvável ou ainda não conhecido.

MASL – Sou Mariana, Ana, Soraya ou Liana? Nascida em Fortaleza, moradora em trânsito entre o Rio de Janeiro e Guapimirim, cidade situada entre a baixada fluminense e a região serrana. Também vivi entre muitas cidades ao longo da vida. Atuo no cultivo de saberes relacionados a processos colaborativos de gestão e criação de danças no diálogo entre artistas e instituições. Trago para esta composteira compartilhada o exercício de criar relações entre práticas de improvisação e composição colaborativa de movimento, com práticas da cultura regenerativa, como modo de repensar os sistemas de trabalho e de articulação coletiva da vida.

Como podemos criar sistemas de existência mais condizentes com o tempo do corpo e da natureza? Como podemos modular potência e habilidade com sobrevivência e prazer? Como podemos entrecruzar modos de gerir e criar arte com modos de gestão que a natureza faz de si para consigo

e para com todos? Como podemos reativar em nós a memória corporal de que somos inseparáveis da natureza, e mais, de que somos a natureza?

Para articular respostas temporárias possíveis, relaciono os saberes do cientista italiano Stefano Mancuso (2019) em *A revolução das plantas: um novo modelo para o futuro*, obra na qual ele compartilha o modo colaborativo de funcionamento das plantas como um modelo para repensar o futuro com a luta indígena e ecofeminista. O modelo é pensado a partir do trabalho da antropóloga guarani Sandra Benites e da filósofa indiana Vandana Shiva com os pilares da cultura regenerativa, da ecologia profunda e do Modo Operativo AND (MO_AND). Esse método foi criado pela artista e antropóloga brasileira Fernanda Eugênio, que investiga políticas de convivência tendo atualmente a inseparabilidade entre seres humanos e natureza como uma das principais matérias de pesquisa do Centro de Investigação em Arte-Pensamento & Políticas da Convivência (AND Lab)³, coletivo de pesquisa que coordeno e sou pesquisadora integrante há quase 10 anos.

SLMA – Sou Soraya, Liana, Mariana ou Ana? Atualmente repouso em Teresina, uma terra quente, árida com forte movimento de artistas independentes. Eu crio com a alegria, com noções de comunidade e aposto na força de se misturar a partir do corpo. Estas palavras são para mim mais do que unidades significativas. Lido com elas como unidades de sentir que a prática e a operação de improvisar revolvem e colocam para agir, fazendo nascer danças que ataçam o sentir. A dança é uma criadora de situações e digo isso pensando na nossa condição como quatro mulheres artistas, improvisadoras e pesquisadoras, que se movem de cantos diferentes do Brasil a partir de seus cultivos, articulações, atuações e vontades para fazer uma escrita. Se vamos dançar para escrever ou escrever para dançar, pouco importa.

Com-por com palavras e com estas mulheres me acende para insistir numa “prática de artista” que decompõe o utilitarismo dos contatos e deixa a gente desperta para não estar a serviço da escrita, mas com apetite para se manter nela. Acontece que nessa maneira de se relacionar, precisamos estar lado a lado com as palavras, com as memórias, sentindo a presença uma da outra. Seja num momento previamente combinado para estamos juntas, seja por um documento online aberto para escrevermos ao mesmo tempo, seja sozinha lembrando de Mariana, Ana e Lica, seja numa ligação espontânea por chamada de vídeo para viver o acontecimento entre: divagar, conversar e escrever, simultaneamente.

Mulheres artistas escrevendo, acionam o que no campo da arte? Da história? Para quais pessoas lerem? De que forma a escrita é também

³ O AND Lab é uma plataforma de pesquisa praticada que se dedica ao desdobramento contínuo, à transmissão e partilha e à aplicação do Modo Operativo AND (MO_AND), uma metodologia para a investigação experiencial da relação e da reciprocidade, de cunho ético-estético e somático-político, criada pela antropóloga e artista brasileira Fernanda Eugênio. Acessar mais informações pelo site: www.and-lab.org

processo criativo? Mulheres artistas improvisadoras, escritoras, as que mexem com palavras e sentidos, letradas.



Mulheres criando

Fonte: Elaboração própria.

S – Escrever no instante com quem pode, como dá. Na força da ação. Operações para juntar, escaneando os detalhes e fruindo as condições sendo quem somos, acionando a potência que é deixar viver.

ALSM – Nessa hora o leitor deve estar pensando: isso tudo é um jogo ou é um texto? Não seria um texto-jogo, bem próximo do que fazemos quando compomos em tempo real? Escrevemos movimentos, sem volta, chamando a plateia para se divertir, problematizar, desconfiar, flertar com o acontecimento. Não seria essa escrita uma dança, o próprio ato improvisacional? Pensando bem, a improvisação é um combinado: nós combinamos que estamos juntas nessa história, para o que der e vier! Eu tenho que acreditar em você, vocês têm que acreditar em mim, nós precisamos imaginar conjuntamente para essa magia ser cultivada enquanto realidade. É quase uma utopia, só que real. Mas não uma utopia delirante. Isso existe?

SLMA – Improvisar a partir da dança é a operação que nos conecta aqui também. Friccionando modos de vida que geram mais vida. É o emparelhamento entre o que temos agora com o que somos na presença da outra. Com isso, a ação de improvisar a partir da dança faz proveito das paisagens provisórias que estes encontros nos invocam. Improvisar é a própria maneira de escrever em estado de mistura, própria “ação, discussão, danças, palavras, corporeidades, assunto, letra”. Quando estamos despertas jamais somos alheias às questões coletivas e urgentes do mundo.

Improvisar como quem continua a estudar. Estudar é igual a cultivar, pois sustenta uma presença que interessa e desperta interesse. Cultivar é como uma força de revolver e que faz nascer. Estar para nascer! No mundo, tudo nasce. E tudo que nasce comunica, então improvisar é uma maneira de comunicar, em que a coisa e a feitura são inseparáveis. Com-por contatos por meio de maneiras variadas de agir para quem sabe, arejar danças que possam nascer, com tudo que está e existe. Dessa maneira, não há momento mais importante. Estamos movidas pelo desejo na direção de uma mistura coletiva, que começa no instante em que nos lançamos e que nos mobiliza a amanhar infinitamente. Como se pudéssemos esticar ou botar ar no tempo e dilatar as situações. Nós apenas valorizamos as camadas mais íntimas de saberes que circulam numa dança quando colocamos despertas as coleções de fatores sem grau de importância: os seres, as coisas, as pessoas, as artes, lugares, as corporeidades, os saberes, os bichos, as produções, as pedras, os tempos, os vácuos, as imaginações, as vontades, as culturas etc., modulando as relações e posições.

É viver o sim com outra vida em nossas carnes. Com-por muito mais para misturar, apostando no que é desvelado, esfolado, o avesso daquilo que

jamais se conforma em estar pronto. Invocar associações para que a presença de outras vidas passe a sustentar tempos, mesmo que provisórios, importando menos quem dança e quem é dançada. O que tem de vivo naquilo que está produzido? De-compor a noção de dançar como entrega, como entendimento que faz das pessoas, das coisas, dos lugares e das relações um receptor. Permitir a mobilização dos modos de cultivar é uma maneira de invocar o apetite pelo que nos faz sentir sem precisar fazer ver. Improvisar é uma força de agir. Talvez seja a coragem que devemos atualmente no mundo. Seria necessário recolocar a coragem no protagonismo da vida?

Improvisar pode fazer nascer danças variadas? Que chãos para que danças? Como romper noções de lugares de apresentar, produzir, processar e de experimentar saberes? De que maneira improvisar com a dança pode ser uma ação de nutrir relação e vida entre fatores, coisas, lugares, corporeidades, referências e diferenças?

Pouco importa quando é arte e quando é vida

Mari entrou e, logo depois, Ana também. Mulheres artistas improvisadoras documentam com palavras, com dança, com interesse: um chão = página = nuvem = rede = traçado. Nós estamos aqui escrevendo e dançando. Já disse isso, pouco importa! Já é outro dia e enquanto escrevo, Mariana nos marca em um post de Instagram que traz uma frase do Emicida: “o improvisado é a nossa capacidade de conversar com a vida”. Sincronias.

Quem está aqui? Às vezes coincidimos no momento da escrita e nem sabemos. Há avatares sinalizando as mudanças.

LAMS – A provocação trazida por Soraya sobre “valorizar as camadas mais íntimas de saberes que circulam numa dança” também me toca como artista e improvisadora. Tenho me perguntado que saberes são eleitos como importantes numa dança. Esse entendimento de que existem muitas camadas de saberes acontecendo em materialidades que não são percebidas como seres dançantes (pedras, tempos, coisas etc.) nos provoca a de-compor nosso entendimento do que é dança e o que pode dançar. Assim como a discussão que Mariana traz sobre a inseparabilidade do humano e da natureza – que nos convida a de-compor a ideia de que o homem pode extrair e extinguir os recursos da terra, elegendo o que e quem pode ou não viver –, Soraya nos lembra que precisamos modular as relações e as posições. Seja na dança ou na vida, os saberes e existências precisam ser reposicionados numa perspectiva de coexistência. Os sonhos

com suas narrativas improváveis, repletas de relações e materialidades imprevisíveis, nos cutucam para uma prática de coexistência. Me parece um possível canal que nos ensina a conviver.

A prática de conviver tem cultivado os territórios coletivos de improvisação os quais habito ou já atravessei. O viver-com nos coloca em relação mais íntima com quem dançamos, proporcionando tempo para escuta e posição, ações imprescindíveis para uma relação entre diferentes. Tenho me perguntado como podemos acionar a intimidade, junto de uma ação de cuidado mútuo, em nossas relações de danças?

MASL – Sobre corpos das mulheres, corpos da terra... é necessário ressaltar a importância da desconstrução da terra idílica, que é um construto colonial. O contato com a terra traz outro tipo de atenção e de presença. Ela também tem seus paradoxos e suas violências. Não é uma relação de docilidade, de descanso, de usufruto dos seres humanos. A ligação muito direta entre a terra e o corpo da mulher herdada pelos movimentos indígenas e ecofeministas são vitais neste debate. Para estes movimentos, a luta ambiental não está descolada da luta feminista: se o corpo da mulher está sendo maltratado, violado, vulnerável e sem cuidado, a terra também está. A terra e a mulher geram vida. As mulheres geram cuidado. Para cuidar da terra é necessário cuidar do corpo da mulher.

Na relação desta perspectiva com a dança, podemos ir entendendo, então, que corpo, terra e território são indissociáveis. O território é onde o corpo se encontra a terra. Ao mesmo tempo, o território nos constitui e é feito por nós. Como diz Sandra Benites : “TEKO (é o corpo-território) é o modo de ser, de estar no mundo, é um processo constante. Ele se molda o tempo todo”. E ela me desafiou com perguntas: “Que corpo-território você leva para o sistema? Quem está com você no enfrentamento? Como podemos entrar e sair desses espaços?”

ALSM – Como os nossos vínculos dizem parte do que nós somos, mas não dizem sobre nós como um todo? Todos esses vínculos não estão separados. Todas somos comunidade, universidade, escola, instituição etc. Artistas que compõem diversos espaços e as políticas que neles estão embutidas. As negociações que se dão entre o que desejamos cultivar e o que nossos espaços de trabalho delineiam, nas tensões sociais, são questões a serem revolvidas diariamente. Como revirar as camadas do solo, invertê-las, bagunçá-las, para aumentar os níveis de oxigenação e mover? Este é um desafio, especialmente de quem se aproxima da dança por meio da improvisação.

Qual o lugar do trabalho na sua vida? Como podemos criar sistemas de trabalho mais condizentes com o tempo do corpo, da natureza? Como

podemos entrecruzar modos de gerir e criar arte com os modos de gestão que a natureza faz de si para consigo e para com todos? Sobre potência, habilidade e onde isso tem relação com sobrevivência e prazer, Domenico de Masi (2012), em seu livro *O ócio criativo*, nos convida para uma reflexão sobre a idolatria do trabalho. Lógica criada como modelo no Ocidente, o autor aborda a importância do ócio na vida do ser humano para que emerjam os processos criativos. Ele incita a discussão sobre a necessidade de distribuímos nosso tempo entre trabalho, estudo e lazer.

Embora ele não trate o ócio criativo como tempo livre, creio que seja relevante trazer essa questão à tona. Pensando na dança enquanto profissão, é muito comum os espaços-tempos entre trabalho e tempo livre serem confundidos. Mas se estamos permanentemente ocupados, onde cabe o ato criativo? A palavra ocupação, de etimologia latina *occupat* o (-nis), significa invadir, apoderar-se. Se o trabalho se apodera dos espaços-tempos, quanto sobra para criar? Mas e se o próprio ofício é a criação? Como se dão os tempos de respiro, divagação e (por que não?) de repouso? A célebre frase “escolha um trabalho de que gostes e não terás que trabalhar nem um dia na tua vida”, atribuída a Confúcio, faz eco com essa provocação. Convidamos esta frase a se aproximar de um ponto de interrogação.

Qual o tempo para a criação? Qual o tempo para a compostagem? Qual o tempo para o adubo fazer efeito nas plantas? Qual o tempo para florescer? Qual o tempo para cada gesto, para cada ação? Se pouco importa quando é arte e quando é vida, o que estou produzindo na relação com meu ofício/arte e, portanto, na relação com a minha vida?

É tácito que os modos de operação criativa e os sistemas/hábitos/comportamentos cotidianos são muito específicos para cada pessoa. No entanto, parece que há um tempo estendido para o qual a criação convoca: o tempo dos sonhos, que na mitologia dos povos aborígenes australianos, por exemplo, é exatamente o tempo da criação. Qual o tempo para sonhar, plantar o sonho e deixá-lo florescer? Para Kaká Werá:

Tem dois problemas gravíssimos que a sociedade contemporânea realiza: a dificuldade de ter sono e a dificuldade de respeitar a natureza. Os dois são problemas gravíssimos, pois geram doenças e distorções terríveis.

Mas, com relação ao sono, este é o estado que nos permite revitalizar o nosso organismo, a casa do nosso espírito. E se essa casa não é revitalizada, ela adocece. É basicamente por isso. Através do sono, você renova suas energias físicas, suas células, suas energias psíquicas. E você ganha uma quantidade de energia que favorece, por exemplo, o ganho de imunidade. As pessoas se desenvolvem no sono. (JECUPÉ, 2020, p. 5)

A quarta fase do sono (REM) que dá vazão aos sonhos. É no estágio de descanso profundo que se sonha. É preciso descansar para sonhar, para permitir que o mundo se apresente a partir de outras perspectivas, para deixar a vida eclodir sinais sobre os fluxos possíveis, para deixar a criatividade inundar nossos pensamentos. Assim como não mover é importante para o movimento, o tempo do ócio é relevante para o trabalho e vice-versa, em ambos os casos.

A improvisação nos ensina sobre agir, desistir, resistir, sustentar, finalizar e, sobretudo, ensina sobre a efemeridade do tempo. Tudo tem um tempo de existência, uma duração e um fim. Mesmo processos contínuos de pesquisas (que exigem prolongação) atravessam ciclos, momentos, fluxos e pausas. Assim como a compostagem, que é feita de modo natural, a improvisação e a criação exigem a maturação de tempos diversos. Esses tempos dependem da complexidade, da sofisticação do processo e das interferências que podem contar com diversas instabilidades.

SLMA – Tempo. Descansar. Improvisar. O que a gente tem é o/um tempo? Então, o que fazemos com a duração ao improvisar pode ser uma dança? Dançar pode ser uma ação de descansar? A gente cria com o tempo. Devaneia enchendo de sonhos as nossas danças, desmanchando as certezas. Quando a gente começa e termina uma dança, é criação? Criar está mais junto do improvisar? Criação é mais junto da ideia de obra, da entrega, do que mostrar? Quando, quanto e onde os nossos processos de trabalhos, vidas, produções, descanso, pesquisas, caos, estudos, criações e sonhos aparecem libertas? A improvisação aqui é uma prática de feminilidade. É? Pode ser atitude? Que beleza seria encontrar tempo na própria vida.

Que descanso! Como é bom sentir o tempo de Mari, Ana e Lica. Tempos de trabalho, de presença, de chegar, de encontrar e de sair que também são de interesse, vontade e emoção. Tempo de presença sem precisar aparecer. Sou mais mulher artista improvisadora com estas mulheres, isso é sonho. Tenho sentido em conversas com outros artistas a precisão em suas falas quando dizem que, para dançar, precisam de tanta coisa. Tem quem precise mesmo. Eu quero tempo com mais alguém, como algo que esteja na vida.

Tempo é uma energia? Uma energia que faz tudo existir, independente do tanto que vai durar. Ela reposiciona as coisas, nos transforma criando a ida = volta = revolta = reviravolta, continuamente. Desconfio de tudo que escrevo, não citei nenhuma outra autora além de nós, tenho procurado ao dançar, sentir. E o que apresento aqui é história de uma mulher artista que improvisa com a escrita, a dança, a vida e com outras mulheres artistas.

Escrevo porque não estou só. A companhia é da nossa natureza. Me sinto à vontade misturada, invadida, deslizando e tocando os pensamentos delas. Improvisar é trabalho.

Sonho... caos... radicalidade... envolvimento... provisoriedade... prática... duração... criação... dança... amor... satisfação... fricção... conforto...

O que pode ser/ter tempo, para bell hooks?

Penso com frequência e profundamente sobre mulheres e trabalho, sobre o que significa ter o luxo do tempo — tempo para organizar os pensamentos, tempo para trabalhar sem perturbações. Esse tempo é espaço para contemplação e devaneio. Ele aumenta nossa capacidade criativa. Trabalho, para artistas mulheres, nunca é o momento em que escrevemos ou nos dedicamos a outras artes, como pintura, fotografia, colagem ou técnicas mistas. No sentido mais amplo, é o tempo que se passa contemplando e preparando. O espaço solitário às vezes é um lugar onde sonhos e visões entram, às vezes é um lugar onde nada acontece. No entanto, é tão necessário para o trabalho ativo quanto a água é necessária para que algo cresça. Essa imobilidade, essa quietude, necessária para o cultivo contínuo de qualquer devoção a uma prática artística — para o trabalho de alguém —, continua sendo algo que as mulheres (independentemente de raça, classe, nacionalidade etc.) lutam para encontrar na própria vida. Nossa necessidade desse espaço sem interrupções, sem perturbações, com frequência é muito mais ameaçadora para aqueles que nos observam entrando nele do que o momento de produção concreta (para a escritora, quando coloca as palavras no papel; para a pintora, quando pega o material na mão). Ainda temos de criar uma cultura tão completamente transformada pela prática feminista que seria senso comum que o cultivo do brilhantismo ou a criação de um corpo sustentável de trabalho exigem tais horas sem perturbação. Nesse mundo, faria todo o sentido para as mulheres que se dedicam à prática artística reivindicar esse espaço que é de direito delas.

Fotocópia de um trecho do texto *Artistas mulheres: o processo criativo*, de Bell Hooks.

Fonte: Hooks (2019, p. 236-237).

ALSM – Pronto, agora vem a citação! Ou uma indicação dela? Insisto: cadê a ABNT, senhora?

SLMA – A imagem é uma fotocópia. É um trecho do texto de bell hooks (*Artistas mulheres: o processo criativo*), páginas 236 e 237, presente no livro: *Histórias das mulheres, histórias feministas: antologia*, pelo MASP, 2019.

Soraya pergunta: “Lica, como é que sonhar, como ação, cria e move mundos de dança?”

LAMS – O que estou supondo é que: se o sonhar é uma criação de mundo que acontece enquanto estamos dormindo, venho investigando o sonhar como estado de ativação do dançar com o mundo. Como? Tenho proposto práticas que acionam memórias e imaginários de sonhos que as pessoas já tiveram. Vou guiando uma maneira do sonhador ir percorrendo paisagens, lugares que visitaram em sonhos. Reencontrando pessoas, animais, plantas e seres que apareceram em sonho. Relembrando sensações, emoções e movimentos desses sonhos.

Junto com a ativação de repertório sonhado vou propondo que as pessoas improvisem ações, gestos ou estados que possam ir transformando o sonho e assim configurar uma dança. Ou seja, a partir da improvisação compor com o repertório dos sonhos e editar esse sonho de outra maneira, em direção a uma dança que se deseja que exista. E para mim cada dança apresenta uma ética, uma feitura, uma proposta de organização de escolhas, que configuram um mundo. Assim, penso que mover com os sonhos podem gerar danças-mundos-inventados.

ALSM – Como produzir o onírico em um(a) corpo(a) que já não sonha nem acordado?

LAMS – Segundo a sonhadora Florinda Donner, “a cultura é produto de um processo altamente coercitivo, longo, cooperativo, altamente seletivo” (DONNER, 2009, p. 326) e atua diretamente na existência das mulheres. Donner também diz que “esse processo culmina num acordo que nos serve de escudo para outras possibilidades”. (DONNER, 2009, p. 236) Por isso a importância do sonhar, para se abrir a outras possibilidades.

MASL – Sonhar é como fazer uma colagem na qual vamos recortando, sobrepondo e com-pondo mundos. Em uma colagem, todos os corpos e danças são possíveis, as imagináveis e as inimagináveis.

Sobre a importância de (des)hierarquizar as múltiplas camadas sensíveis que compõem o nosso corpo e o nosso fazer. Que sonhar seja sim da ordem do que é possível, do que existe, e não daquilo que não é concreto ou inexistente e inatingível. O sonho como aquele que desfaz a dicotomia entre o tangível e o intangível. Também é interessante experimentar como desativar o nosso controle diante do acontecimento. Não temos o controle sobre o que iremos sonhar.

LAMS – Assim como não temos controle sobre o que sonharemos, também não temos controle sobre uma dança de improvisação coletiva.

Ela emerge. É acontecimento. Assim como essa escrita. Mas dizer que não existe controle não significa dizer que a dança de improviso coletiva, ou o sonhar, são aleatórios. Existe um estado de atenção, escuta e abertura que precisa ser cultivado para que esses acontecimentos criem sentido, que se conectem com a vida.

ALSM – Mas como estamos entendendo a aleatoriedade? Um sistema aleatório é não determinístico, ou seja, mesmo tendo conhecimento das condições iniciais de um evento, não há condição de prever o comportamento futuro, pois não existe um padrão de comportamento. Aleatório não significa mal-ajambrado, a esmo.

MASL – Para todo acontecimento que emerge em um dado momento, existe um processo anterior, uma construção no tempo. Para cada sonho, dança, projeto de vida, trabalho, referência, planta, etc., emergirem e se fazerem, há um cultivo prévio que muitas vezes nem nos damos conta. Muitas vezes, só nos damos conta do vivido depois que o viver está feito. Tamanha é a fixação na produtividade dos tempos contemporâneos, perdemos a noção da feitura.

LAMS – Para improvisar uma dança coletiva (ou uma escrita coletiva), por exemplo, precisamos cultivar o encontro das pessoas que estão nessa criação. Perceber uma à outra, escutar seus territórios, seus estados e seus modos de enunciar o mundo. Se propor a mover juntas, num jogo de ação e decisão junto com cada movimento que acontece. Sinto que esse é um caminho de feitura, tessitura coletiva para uma dança que ainda não existe, não se conhece.

MASL – Uma dança que ainda não existe, que não se conhece. Uma dança improvisada! Fazer nascer o que ainda não existe em um modo-junto/ ajuntado na duração do tempo, no desapego, na impermanência e no improvisar. Isso também é sonhar. Isso também é cultivar. Ao lançar uma semente, nunca temos a certeza se e como ela vai germinar. A natureza também está sempre improvisando.

Inevitavelmente o caos se apresenta

ALSM – No ato de cultivar, como na improvisação, pergunto-me sobre as dinâmicas de caos e de estrutura. Convivendo com o universo acadêmico, percebo-me muito entremeada por um contexto em que as metodologias, no geral, estão muito relacionadas à ideia de estruturação no sentido da roteirização e do cumprimento desse roteiro dentro de um

espaço-tempo. Nesse contexto, como é subverter e abordar uma aula calçada na improvisação? Uma aula que observe os elementos que se instauram, os integrantes que estão de fato presentes e as relações possíveis dentro da realidade apresentada, para, então, uma proposta de trabalho ser lançada? Há mais ou menos uma estrutura em uma proposição como esta? Uma prática como essa não é uma metodologia em si? O que há de caos e de ordenação em processos como esse? Se o plano é organizado no ato, isso deixa de ser um planejamento? Abrir-se para as perspectivas do acaso não nos torna menos comprometidos ou rigorosos com o trabalho, mas claramente modifica as estratégias de atuação e, portanto, as percepções.

Como aponta Fayga Ostrower:

As pessoas estão receptivas; receptivas, a partir de algo que já existe nelas em forma potencial e que encontra no acaso como que uma oportunidade concreta de se manifestar. Por mais surpreendentes que sejam os acasos, eles nunca surgem de modo arbitrário e sim dentro de um padrão de ordenações, em que as expectativas latentes da pessoa e os termos de seu engajamento interior representam um elo vital na cadeia de causa-efeito. (OSTROWER, 2023, p. 25)

MASL – Ana trouxe, em nossa videochamada, a questão do caos e do acaso. Questões estas que se relacionam com a incerteza e impermanência que compõem a vida. Seria o caos também uma estrutura? Talvez a estrutura do desconhecido? Ou o caos se delineia pela completa desestrutura? Embora o caos seja necessário, ainda há uma resistência a ele, como se fosse possível evitá-lo. O caos como habitar o não-saber. O caos como modo de ativar a feitura da vida de modo mais tridimensional. O caos como ferramenta para desorganizar estruturas e reorganizar outras lógicas.

As pessoas mudaram, mas as instituições e as estruturas não. Como estabelecer limites e contornos para lidar com estas instâncias?

LAMS – O caos é entendido no senso comum como algo que não tem estrutura. Entretanto compreendo que o caos é um sistema de organização das coisas que ainda não conhecemos ou não temos referência anterior, que não apresenta uma estrutura prévia. É algo que emerge justamente em momentos de crise, de alta instabilidade de conexões. E que só é possível entender a sua materialidade de organização e lógica com o tempo. Esse processo se assemelha aos modos de criação de uma dança coletiva improvisada. Pois não existe um modelo anterior a ser executado, e sim uma insistência nas presenças juntas para perceber a organização que acontece durante um novo encontro.

ALSM – Na dança, o caos também pode ser um certo cansaço da repetição ou da reprodução de estruturas pré-existentes? Confesso que enxergo uma pitada de coragem nele. Um certo desejo de lançar-se de outros modos no universo. De olhar para todo acúmulo que se tem, para as peças do jogo de um modo distinto, para que se reorganizem em outros formatos. Às vezes é como uma casa bagunçada, que esconde pequenas histórias em cada canto. É preciso olhar a bagunça para reorganizar, entender o que fica, o que se despede, o que estava “esquecido” e pode ser renovado e o que não faz mais sentido.

No entanto, é preciso considerar que o caos, para a ciência de dados, é um sistema determinístico, com padrão. Se conhecermos o estágio inicial, somos capazes de prever os estados futuros. A grande questão é que se houver imperfeições neste início, haverá uma propagação de erros e, esta sim, é imprevisível. Quiçá nos leve a olhar para as próprias ruínas, encará-las, para reparar ou para deixar ruir. Deixar ruir também tem sua importância. Dali se pode recomeçar ou começar algo novo.

Enquanto estamos escrevendo, Soraya nos escreve pelo WhatsApp para dizer que está com suspeita de covid e, portanto, toda desorganizada. Liana responde que o momento está caótico e que estamos, inclusive, escrevendo sobre o caos. Atualmente me pergunto: quem não está desorganizado? Nunca podemos generalizar, mas é fato que há um ambiente desestruturado que nos cerca. Como dar as mãos a este caos para dançar? Por vezes me pergunto se a improvisação convive mais frequentemente com esse estado, uma vez que minha maior preparação para a cena é estar preparada para que tudo ocorra ou que nada ocorra. Como diria a música A natureza das coisas, de Flavio José com composição de Accioly Neto “Se avexe não. Amanhã pode acontecer tudo, inclusive nada”.

Frequentamos o espaço de estudo do corpo em improvisação para criarmos vocabulários, instrumentais e dinâmicas que deem suporte para a criação de cenas em tempo real. Mas estas cenas também acolhem as intempéries do tempo-espaço e isso também pode significar o acolhimento daquilo que não ocorre, assumindo a responsabilidade sobre isso.

MASL – O caos como cansaço da repetição sem diferença. Ailton Krenak (2019) diz que é chegado o momento de rever as estruturas. Deixar ruir o que precisa ruir e sustentar o que precisa ser sustentado. Encontrar o que de fato precisa ser sustentado é que me parece o grande desafio. Como perceber o que precisa ser reabilitado para o manuseio?

Escrevo enquanto ouço bell hooks (2019) lida por Soraya

Sonhar com o ócio
Preciso de longas horas esticada
Incrível tarefa de me demorar
Devanear. (HOOKS, 2019, p. 236)

MASL – Devaneio é trabalho!

É interessante esse momento em que estou percebendo quais são as minhas bandeiras. Tenho bandeiras que eu nunca imaginei que precisaria empunhar. Nunca imaginei que seriam necessárias. A militância pelo descanso é uma delas. Parece que as pessoas competem para saber quem está mais cansada.

ALSM – Só parece? – Lembro-me de Byung-Chul Han (2019), em seu livro *A sociedade do cansaço*. Não só agora. Lembro-me todos os dias. A cada vez que me sinto cansada, entristecida ou que escuto alguém que se sente assim (basicamente todo mundo ao meu redor). O autor discute sobre a nova sociedade do desempenho, reativa, cuja afirmação de si se dá pela negação do outro. Em um contexto de vida que lhe acena que tudo é possível, o sujeito tende a uma autodestruição, ao imaginar-se impotente frente a tanta positividade. Han nos lembra como temos perdido a capacidade contemplativa na medida em que nos portamos de forma histérica e ansiosa.

MASL – Tempo para trabalhar sem perturbações. Tempo para trabalhar sem ser INTERROMPIDA! Sem ser INTERROMPIDA!

Os modos hegemônicos de trabalho atuais são baseados em uma sequência de fragmentações e interrupções que levam à exaustão física e mental. Não é à toa serem as mulheres que não suportam mais estes lugares. É esperado que os homens sejam os que mais conseguem permanecer nestes ambientes.

Imobilidade e quietude necessárias para o cultivo contínuo de uma prática artística. Lutamos para encontrar isso na própria vida. Criação de um corpo sustentável de trabalho. Reivindicar tempo sem interrupção. O tempo-ser da coisa que eu estou fazendo. É um espaço de direito nosso. De mulheres.

Conclusões (será?)

ALSM – Será que é aqui que encerramos esse texto? Ou seria um texto que dança continuamente? Um texto para perguntar a nós mesmas e a quem quiser nos acompanhar:

Como é que sonhar, como ação, que cria e move mundos de dança?

Como cultivar um uso inteligente do tempo?

Como mapear a aleatoriedade e o caos para revisar esses conceitos como processos metodológicos?

Como encontrarmos um chão comum para aterrar nossos devaneios na concretização da ação, em comunidade?

Improvisar é a nossa chave para experimentar respostas, cair no vazio, apreciar, desconcertar, voltar ao prumo, desviar, frescar e, acima de tudo, abrir espaço para rir de nós mesmas em um certo encanto de quem descobre algo novo a cada torcer.

[Agora vou dormir. É no interior, ao som das cigarras, 2h41min da manhã, que consigo encontrar meu tempo sem interrupção. Fui sonhar acordada, agora não chego ao sono REM. Já encerro este texto precisando rever o ser notívago que me habita, vagueando madrugadas afora.]

Referências

BASBAUM, R. Manual do artista-etc. Rio de Janeiro: Azougue, 2000.

BENITES, S. Avivamentos Poéticos no Aqui e Agora, do Grupo Agora: Modos de Ser em Dança. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA, 3., 2021, Salvador. Seminário [...] Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2021.

COMPOSTAGEM. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. São Francisco, 2022. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Compostagem>. Acesso em: 21 nov. 2022.

DE MASI, D. O ócio criativo. Tradução: Lea Manzi. Rio de Janeiro: Sextante, 2012.

DOONER, F. Sonhos lúcidos: uma iniciação ao mundo dos feiticeiros. Tradução: Luiza Machado da Costa. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Era, 2009.

EUGENIO, F. Caixa-livro AND. Rio de Janeiro: Fada Inflada, 2019.

HAN, B.-C. Sociedade do cansaço. Tradução: Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2019.

HAMILTON, J. Space Issue. 16 a 20 de Março de 2015. Bruxelas, 2015. Disponível em: <https://www.julyenhamilton.com/>. Acesso em: 14 dez. 2022.

HOOKS, B. Artistas mulheres: o processo criativo. In: PEDROSA, A.; CARNEIRO, A.; MESQUITA, A. (org.). Histórias das mulheres, histórias feministas: antologia. São Paulo: MASP, 2019. v. 2, p. 236.

JECUPÉ, K. W. A sociedade não está conseguindo dormir quanto mais sonhar. Entrevistadora: Anna Ortega. *Jornal da Universidade do Rio Grande do Sul*, Porto Alegre, p. 1-10, 12 nov. 2020. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/jornal/kaka-wera-jecupe-a-sociedade-nao-esta-conseguindo-dormir-quanto-mais-sonhar/>. Acesso em: 17 jan. 2022.

KRENAK, A. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KOPENAWA, D; ALBERT, B. *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

MANCUSO, S. *A revolução das plantas: um novo modelo para o futuro*. Tradução: Regina Silva. São Paulo: Ubu, 2019.

OSTROWER, F. *Universos da arte*. Campinas: Unicamp, 2013.

SETENTA, J. *O fazer dizer do corpo: dança e performatividade*. Salvador: Edufba, 2008.

SHIVA, V.; SHIVA, K. *Oneness vs The 1%: Shattering Illusions, Seeding Freedom*. London: Chelsea Green, 2020.

SHIVA, V.; MIES, M. *Ecofeminismo*. Tradução: Carolina Caires Coelho. Belo Horizonte: Luas, 2020.